

Qualidade da vida: uma contribuição das Políticas da Subjetividade Contemporânea

Marli Fernandes*

Este artigo tem dupla intenção: a primeira é de repensar o conceito de qualidade **de** vida e formas **da** vida sob a égide das políticas da subjetividade, sobretudo, nos modos de vida produzidos com a globalização e as tecnociências, cujos efeitos envolvem mudança radical das formas de existência humana e exigem esforço de elaboração em todas as áreas do conhecimento. Se a vida é expropriada pelo mercado capitalista, exige-se das políticas públicas a compreensão dos efeitos biopolíticos do capitalismo, inclusive nos estratos mais carentes da população, que, ao contrário do que possa parecer, sofrem tais conseqüências. A segunda é redesenhar os aspectos ditos “subjetivos” e objetivos na formulação das pesquisas em qualidade de vida, referenciadas mais por um pensamento ético-político de integração dos modelos quali/quantitativos e menos por uma ética de oposição aos mesmos. Neste sentido, a subjetividade não é uma superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência política. **Palavras-chave:** produção de subjetividades, agenciamento, potência de criação, modos ou formas de vida.

Qual o sentido de se traçar um paralelo entre as subjetividades contemporâneas e as pesquisas públicas urbanas que pretendem consolidar uma melhora da qualidade de vida? De imediato, o sentido desta lógica tem a ver com o que nos interessa, ou seja, com a própria vida — um campo de experiências, de afeto, de sonho, de conexões e fugas, de criação de sentido.

Em termos mais simples, o conceito de subjetividade pode apontar para um modo de viver, um modo de fazer, um modo de habitar. Mas se o modo de viver exprime a apreensão que temos da realidade, não é difícil compreendermos que as subjetividades são também produzidas, fabricadas e criadas por esta mesma realidade, a partir de uma multiplicidade de planos coletivos e individuais que se agenciam. Quais seriam as implicações mais imediatas do conceito subjetividade, como produção?

A primeira implicação é que a subjetividade como produção ultrapassa o conceito representativo do subjetivo como algo psicológico, um “desejo das profundezas do eu”. O subjetivo é um dos planos da produção de subjetividades, não é sua totalidade. A segunda implicação, é que os planos sociais, ambientais, mentais são planos heterogêneos que se agenciam o

tempo todo em nossas vidas. Agenciar-se não é a mesma coisa que misturar-se. Os agenciamentos são heterogêneos, móveis e anunciam a aparição do novo, da diferença e da singularidade (DELEUZE & GUATARI, 1995-1997). Portanto, não se trata apenas da mistura de planos. Em outras palavras, a dinâmica do agenciamento não se produz em termos das funções de causa e efeito, máxima representação da ciência clássica, e nem sempre responde à condição da ordem do necessário e do suficiente.

Em termos da pesquisa sobre qualidade de vida, não é novidade para os pesquisadores sociais que os chamados dados “subjetivos” somados aos indicadores sociais muitas vezes se mostram insuficientes no processo de formulações de políticas públicas. Basta destacarmos as referências no livro “Qualidade de Vida, observatório, experiências e metodologia” (KEYNERT & KARRUZ, 2002) relativas à fonte de satisfação e de insatisfação em relação aos espaços urbanos. Um estudo americano demonstra que, apesar da área degradada, 75% da população referem satisfação (BRAVO & VERA, 1993: 99). Outro estudo incluindo o Brasil mostra a dissonância entre a renda ‘per capita’ e a expectativa de vida longa e viver bem: a amostra aponta que alguns países de menor renda ‘per capita’, como o Sri Lanka, a China ou o Estado de Kerala, na Índia, não obstante, apresentam uma mais elevada relação com “viver mais tempo” (SEN, 2000: 123). Portanto, existe um grau de defasagem da qualidade de vida que inverte o sentido da função entre o que se espera em termos de indicadores e o que de fato ocorre na realidade.

Parece-nos claro que a relação “causal” é muito complexa, indicando, de certa forma, que o conhecimento parece não ser suficiente para tornar, por exemplo, as condições urbanas melhores, como nos diz o professor de Políticas Urbanas Robert H. Wilson (2002).

Cabe então a pergunta: como os estudos sobre as subjetividades podem contribuir para a explicitação do imensurável? Porque, geralmente, tal perspectiva não responde à construção funcional da ciência clássica.

Eis aqui nosso primeiro susto. O paradoxo da incerteza fere nossas convicções. Claro, já sabemos que é falsa a convicção de que se algo não for mensurável não existe no real e não nos interessa, para efeitos práticos e objetivos. Então, convém insistirmos na pergunta anterior.

Um dos estudos mais interessantes sobre a realidade contemporânea e a produção de subjetividades é sobre a Biopolítica. Nas últimas décadas, produziu-se um novo modo de relação entre capital e subjetividade, uma penetração do capital na vida e na subjetividade numa escala nunca vista, como diz o filósofo Peter Pal Pelbart (prelo) e Pelbart (2000). Hoje se vive uma circulação de fluxos de alta velocidade: capitais, informações, máquinas de captura fabricadas pela homogeneização do mercado capitalista distribuidor de riqueza e da pobreza.

Coextensivos a estes estudos, autores como Deleuze, Negri, Hardt, Lazzaratto, mostram que a Biopolítica não só explicita o poder sobre o corpo, um controle através das reproduções da vida, mas também aponta para os efeitos positivos e libertadores em outra dimensão, mais afirmativa e positiva. Em outros termos, trata-se da capacidade de produzir o novo, a invenção de formas de vida cuja capacidade não está subordinada à valorização do capital. Neste sentido, não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só no campo da Política. A vida deixa de ser definida apenas a partir de processos biológicos que afetam a população e suas condições de reprodução, passa a significar uma energia anorgânica, um desejo como produção de realidades, uma sinergia coletiva.

Não seria importante que as formulações de Políticas Públicas se detivessem no exame destas forças? Quando um grupo de jovens presidiários compõe e grava sua música, o que eles mostram e vendem não é só sua música, nem só sua histórias de vida, mas seu estilo, sua singularidade, sua percepção, sua revolta, sua maneira de vestir, de morar na prisão, de protestar. Claro, o mercado do capital cultural também vampiriza estas formas de criação, para depois descartá-las. Entretanto, a potência de criação extrapola estas forças perversas do mercado e este é, sem dúvida, o diferencial que marca os sinais da resistência da vida enquanto produção de subjetividades na contemporaneidade.

Nesta direção vimos no Brasil, no II Fórum Social Mundial, em 2002, o projeto Criação/Resistência¹, de âmbito internacional, discutindo as análises de ferramentas de mapeamento entre as cidades globalizadas como São Paulo e o cenário atual dos planos culturais, sociais e da qualidade da vida ressoando subjetividades.

Estas novas configurações entre capital, subjetividades e qualidade da vida fazem parte atualmente de projetos de pesquisas que têm como pano de fundo todas as transformações tecnológicas e produtivas do mundo globalizado.

Diante desta produção de subjetividades que compõem as nossas vidas, podemos encaminhar uma idéia provisória, mas nada inofensiva. Parece-nos que se não se pode medir ou fazer o mapa dessas forças de vida, podemos ao menos tentar cartografá-las, a partir

de um observatório das potências de vida, os seus pontos de emergência, seus locais de irrupção, seus dispositivos, tanto quanto dos efeitos da comercialização da vida com sua reativação vital. Ir além da racionalidade técnica, estimular a participação da comunidade, tendo os agenciamentos individuais e coletivos que se engendram, próprios de cada momento, lugar e conjuntura com o real.

As Políticas Públicas da qualidade de vida devem ser reativadas e somadas pelos indicadores, por debates na esfera pública em diversos níveis de pesquisas, ancorados por um ética conectiva aos modos de vida, invertendo o sentido da potência de criação, como forças desacreditadas da sociedade em geral. Senão, corremos o risco de formatarmos ações representativas de um controle social (“de fora para dentro”) produzindo subjetividades desvitalizadas da consciência do que seja exercer cidadania, entendidas facilmente pela própria população como uma atitude benemérita do Estado.

Referências Bibliográficas

BRAVO, Maria Tereza de & VERA, Silvia F. de. EL concepto de calidad de vida: una revision de su alcance y contenido. Revista geográfica venezolana. Mérida, Universidad de los Andes, v.34, n.2, 1993

DELEUZE & GUATARI. Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, 5 vols, São Paulo, Editora 34, 1995-1997 (Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie. Paris, Minuit, 1980).

KEINERT & KARRUZ Orgs. Qualidade de Vida, Observatório, Experiências e Metodologia. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

PELBART. P. - Michel Hardt. Affective Labor, inédito, Incluído em Tecnosubjetividade- Cadernos de Subjetividade. Ed. Hucitec, no prelo. (IN: Negri . Traivall et affect. I Futur Antérieur, Paris, 1997; incluído na edição brasileira de Exílio)

PELBART, P. - A Vertigem por um Fio. Políticas da Subjetividade Contemporânea. Editora Iluminuras. São Paulo. 2000.

WILSON, R.H. prefácio Orgs. Qualidade de Vida, Observatório, Experiências e Metodologia. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

* Psicóloga, mestranda em Psicologia/PUC, Pesquisadora do Instituto de Saúde. Email: marfluz@uol.com.br

¹ PROJETO CRIAÇÃO /RESISTÊNCIA - II Fórum Social Mundial. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. Orgs: Catherine David, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart, Denise B. Sant'Ana, Laymert Garcia dos Santos, Kazuo Nakano, Ligia Nobre e Cécile Zoonen, 2002.